

Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo

Patrícia Tavares de Freitas

Os bolivianos que vieram para o Brasil em meados do século XX eram, em sua maioria, estudantes e profissionais liberais que saíam da Bolívia por motivos políticos, para ascender profissionalmente ou adquirir uma formação específica, sendo significativa, também, a emigração de mulheres para trabalhar em casas de família, como babás e empregadas domésticas. A partir de 1990, esses fluxos passaram a ser compostos, principalmente, por jovens com baixas qualificações e, em geral, ex-trabalhadores das minas e fábricas bolivianas.

“Esses novos estratos da população boliviana que começaram a migrar para São Paulo na década de 1990 são os que mais sofreram com o êxodo rural e desemprego urbano que atingiram a Bolívia a partir de meados da década de 1980, devido a uma forte recessão econômica e desastres naturais provocados pelo ‘El Niño’”. (p. 156).

Numa perspectiva analítica, os imigrantes seriam as principais vítimas dos efeitos perversos da globalização, que acirra desigualdades regionais em nível mundial, impulsionando movimentos migratórios de massa nos países que “perderam o jogo do desenvolvimento”. Ao mesmo tempo em que impõe a alguns setores, como o da confecção, “padrões de competitividade que passam a se sustentar por processos de exploração da força de trabalho em amplos circuitos de subcontratação”. (p. 157).

Os imigrantes bolivianos passam a aparecer também como “exploradores” do trabalho de seus compatriotas, após a dissipação da relação entre bolivianos e coreanos. Além da questão da subcontratação, começa-se a evidenciar suas condições de trabalho, com o aumento da visibilidade do espaço interno das oficinas de costura. “Essas mudanças refletem uma estratégia de transferência de recrutamento de forças de trabalho e do controle das oficinas de costuras para a comunidade boliviana, na medida em que a comunidade coreana ligada ao setor de confecção passava para a formalidade e se consolidava comercialmente”, (p. 160- 161).

Os bolivianos, então, passam a deixar de ser apenas força de trabalho recrutada para virem a se tornar pequenos empreendedores, donos das oficinas de costura e

recrutadores da força de trabalho (que se inicia, muitas vezes, ainda na Bolívia). Emergem, também, outros tipos de pequenos empreendimentos de bolivianos:

- Estabelecimentos comerciais (restaurantes, pequenos mercados/armazéns e cabelereiros) e pontos de venda ambulante (para a comercialização de produtos típicos, comidas, CDs, DVDs, cartões telefônicos, etc);
- Investimento em serviços de telefonia e transporte próprios (oficiais e clandestinos) para conectar os bolivianos e outros imigrantes hispano-americanos aos seus lugares de origem;
- Formação de rádios piratas que transmitem programas em espanhol e em aymará com informações sobre serviços (de saúde, educação, lazer) e questões relativas aos trabalhos nas oficinas;
- A consolidação de alguns lugares de referência da comunidade boliviana na cidade de São Paulo, como a Rua Coimbra, e a Praça Kantuta.

A migração, em si, se constitui como *ação coletiva*: tanto por envolver muitas pessoas em torno do projeto migratório (uma rede familiar extensa e agregados), quanto por se constituir como principal estratégia de manutenção e reprodução dos lugares de origem. “Especificamente, no caso dos fluxos migratórios de bolivianos ligados ao setor de confecção na cidade de São Paulo, uma das formas mais comuns de inserção inicial no circuito, se daria também a partir dos lugares de origem- principalmente a partir dos agenciadores de trabalho e dos cursos profissionalizantes de costura nos locais de origem, bem como das relações de parentesco.”

Daniel Edgardo